



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ORLANDO DOS SANTOS PINHEIRO FILHO

A CONSTRUÇÃO E INFLUÊNCIA DA IDENTIDADE CULTURAL LIBANESA NO
CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

Macapá - AP

2023

ORLANDO DOS SANTOS PINHEIRO FILHO

**A CONSTRUÇÃO E INFLUÊNCIA DA IDENTIDADE CULTURAL LIBANESA NO
CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao colegiado do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador(a): Prof. Me. Ioneida Cavalcanti da Cunha.

Macapá - AP

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Maria do Carmo Lima Marques – CRB-2 / 989

P654c Pinheiro Filho, Orlando dos Santos.
A construção e influência da identidade cultural libanesa no cenário político brasileiro /
Orlando dos Santos Pinheiro Filho. - Macapá, 2023.
1 recurso eletrônico. 29 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Relações
Internacionais, Macapá, 2023.
Orientador: Ioneida Cavalcanti da Cunha.

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Relações Internacionais. 2. Cultura. 3. Imigração. 3. Identidade. I. Cunha, Ioneida
Cavalcanti da, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 304.8811

PINHEIRO FILHO, Orlando dos Santos. **A construção e influência da identidade cultural libanesa no cenário político brasileiro**. Orientador: Ioneida Cavalcanti da Cunha. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Relações Internacionais. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.

ORLANDO DOS SANTOS PINHEIRO FILHO

**A CONSTRUÇÃO E INFLUÊNCIA DA IDENTIDADE CULTURAL LIBANESA NO
CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Colegiado de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Macapá - Amapá - Brasil, 05 de Junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Ioneida Cavalcanti da Cunha

Mestra em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB)

Professora da Universidade Federal do Amapá (Orientadora)

Ana Cristina de Paula Maués Soares

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

Professora da Universidade Federal do Amapá (Avaliador Titular)

Paula de Carvalho Bastone

Mestra em Estudos Globais pela University of Leipzig

Professora da Universidade Federal do Amapá (Avaliador Titular)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Mara Santos, por todo o seu apoio e amor que tem me dado em todos os momentos, sejam bons ou ruins. Obrigado por nunca me fazer desistir daquilo que acredito e ser a mãe que é, que sempre se esforçou para dar o melhor aos seus filhos, que trabalhou por dias e noites, e por isso é uma inspiração para mim, me molda e faz parte de quem eu sou hoje. Obrigado por sempre ter incentivado os seus filhos a serem o que quiserem ser, seja em nossa trajetória profissional ou privada. Todo o amor que sinto pela senhora não vai ser o suficiente para colocar em uma nota de agradecimentos. Ao meu pai, Orlando Pinheiro, por me influenciar a ser uma pessoa paciente em tudo o que faço e ao seu senso de proteção.

Aos meus amigos, que considero minha família, em especial, Vanessa Amaral, Catherine Dayane, Ana Caroline Oliveira, Katharina Carneiro, Karolinná Carneiro, Matheus “Doritos” Moresco, Allan Santos, Jimmy Andreo e Ian Nery. Obrigado por fazerem parte da minha vida por tantos anos. Agradeço pela presença de vocês não só nesse momento, como em tantos outros. Não sei o que seria de mim sem vocês. Sou grato. Ao meu cãozinho Nero por ter ficado comigo nos momentos em que me sentia cansado e sempre levantar meu humor, de alguma forma ele sentia que eu precisava disso.

À Associação Atlética Acadêmica Leviatã de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá, a qual tenho orgulho de ter sido Diretor de Comunicação e Presidente durante toda minha graduação e ter me dado a experiência para seguir aonde quero trabalhar em minha área profissional.

À minha orientadora, Ioneida Cunha, por ter acreditado em mim, no meu trabalho, e ter me aceitado como seu orientando logo de primeiro contato, e pelas as ocasiões em que me inspiraram a viver e adquirir cada vez mais conhecimento. Aos demais professores onde pude aprender muito sobre a carreira acadêmica, em especial, às professoras Ana Cristina Maués, Lourrene Maffra e Paula Bastone, muito obrigado por todo o ensinamento.

Por fim, gostaria de agradecer a mim, ao Orlando da infância, que entrou em uma biblioteca durante as férias e pegou uma revista em quadrinhos da Turma da Mônica sobre imigração japonesa e ao Orlando de 2020, que entrou na Galeria Pagé da Avenida 25 de Março, em São Paulo, e descobriu que ela era composta por donos libaneses.

*“Deixa-me te dizer agora quem são os filhos do meu Líbano...
São os vencedores aonde eles vão...
São amados e respeitados onde se instalam.
São os que nascem dentro de cabanas, mas que morrem dentro de
palácios de sabedoria.”*

- Gibran Khalil Gibran.

A CONSTRUÇÃO E INFLUÊNCIA DA IDENTIDADE CULTURAL LIBANESA NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO ¹

*Orlando dos Santos Pinheiro Filho**

*Ioneida Cavalcanti da Cunha***

RESUMO

A presença da comunidade libanesa no Brasil possui uma expressão considerável tanto numericamente quanto por seus marcos identitários. Essa identidade cultural surge no Brasil a partir da sua 1ª diáspora, ainda no século XIX e tem influenciado desde então os rumos do país, seja pelo desenvolvimento do comércio, pela literatura, pela educação, mas sobretudo, no cenário político local. Este trabalho tem por escopo a indagação de por que a política brasileira atraiu e recebeu tão bem essa comunidade especificamente, a ponto de tê-la permitindo uma atuação significativa nas tomadas de decisão do Brasil. Para responder a isso, foi iniciado um longo processo de leitura, primeiro por curiosidade, e posteriormente, transformado neste projeto de pesquisa, e que ajudaram a entender esse fenômeno social bem como a continuação do processo de imigração. Constatou-se que essa imigração foi um fator fundamental para o desenvolvimento do Brasil, não só pela herança cultural mas também por influenciar os mais diversos setores onde esse grupo tem atuado e convivido. Essa comunidade tem impactado o imaginário, a identidade e os rumos do cenário político brasileiro incontestavelmente, porém, os estudos especializados sobre imigração libanesa ainda privilegiam muito mais os países do ocidente "do norte" e muito pouco sobre os de países como o Brasil. Assim, este artigo tem a expectativa de preencher, ainda que sabidamente de forma muito discreta, esse vazio acadêmico, e mais especificamente, entender como se deu a ascensão dessa comunidade às instâncias de poder.

Palavras-Chave: Cultura. Imigração. Identidade. Política.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o perfil de influência da imigração libanesa no processo de construção do cenário social e político do Brasil a partir de sua 1ª diáspora. É preciso salientar que esta narrativa começa numa ocasião onde não havia ainda um Líbano independente e mesmo o território que lhe corresponde hoje ainda fazia parte do Império Otomano. Diz uma lenda local que a imigração foi fruto de um convite não oficial do Imperador Pedro II aos moradores de Beirute² durante uma das suas visitas ao Oriente Médio, onde se iniciam a partir de uma suposta fala, os projetos da vinda de grupos humanos da região do "Monte Líbano", tendo um de seus principais episódios iniciados a partir dos anos

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em JUNHO/2023 na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

² Depois de navegar pela Grécia, o imperador iniciava sua segunda visita ao Oriente Médio, aportando em Beirute. Bercito, Diogo. As viagens de Pedro II ao Oriente Médio. Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1668705-as-viagens-de-pedro-2-ao-orientes-medio.shtm>>. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

*Orlando dos Santos Pinheiro Filho é acadêmico do curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: orlandosantosprofissional@gmail.com.

**Ioneida Cavalcanti da Cunha é Bacharela em Direito pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Mestra em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB).

de 1880, quando ali ocorreram severas crises econômicas, políticas e militares e que, posteriormente, degingolaram no fim do Império Otomano. Esses acontecimentos serviram de base para questionamentos iniciais, mas outros fatores também serviram para o desenvolvimento dessa pesquisa, sobretudo, "o imaginário dos libaneses que pensavam no Brasil como uma terra de oportunidades", da fuga da guerra e em "fazer a América". Muitos seriam enganados pois não compreendiam sequer a geografia para onde chegariam e, ao aportarem no Brasil, onde passaram a batalhar por dignidade e inserção, encontraram um ocidente exótico, difícil e não raro, preconceituoso. Esses imigrantes partiram porque não sentiam segurança no que concerne às fases de formação do recém criado Estado libanês no início do século XX, o que explica a continuação de sua diáspora tão longa e incessante, que agora faz parte e explica irremediavelmente a identidade cultural brasileira ainda que poucos se deem conta disto.

Quando se atenta para as características mais marcantes sobre os estudos desse processo imigratório logo percebe-se através da sua trajetória que o nome "Líbano" atua como uma forte conexão cultural, afetiva e indelével entre seus descendentes e seus antigos vínculos, costumes e tradições por aqui seguem sendo mantidos e muito além dos hábitos como cultura gastronômica e/ou religiosa, são vistos como pontos positivos de suas origens e são sempre retratados como "as coisas boas vindas de lá"³ (dimensão subjetiva). Porém, mesmo as questões que poderiam ser consideradas como positivas, também seguem sob o escrutínio da opinião pública brasileira, acadêmica ou mesmo da chamada "mídia ocidental" como um todo, que também ainda é muito influenciada pela concepção "orientalista"⁴, seja sobre este assunto ou qualquer outro tema oriundo do Oriente Médio e de como se deve pensar sobre o "nós" e "eles", ou seja: um pensamento binário e (muitas vezes) limitado sobre o Oriente e o Ocidente, criando muitas vezes, "[...] esse quadro complexo e instável, que misturava o sabor dos doces de pistache e os tiros da Guerra Civil, deixando claro que o meu Líbano (imaginário) era melhor (ou pior) do que o da vida real."⁵

³ Meihy, Murilo. Os Libaneses. São Paulo - Editora Contexto, 2018, p. 9.

⁴ Edward Said fornece como análise a explicação do Orientalismo para a compreensão da percepção do Oriente e limitações em pensamento da ação ocidental. Said conceitua a cultura ocidental como colonizadora e opressora, o que resultou na criação de um conceito Ocidental sobre o Oriente, essa relação se torna dominante pela concepção Europeia Ocidental e Estadunidense, decidindo o que é Oriente a partir da instituição do orientalismo, exportando o pensamento através da mídia, literatura, ciência, o que não é verdadeiro sobre o Oriente, sua existência, e sim a visão dita sobre. O conhecimento adquirido a partir do questionamento das noções preconcebidas sobre o Oriente sem o Ocidental estar presente naquela cultura é construído pela representação distorcida do que realmente é. Said, Edward. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo - Companhia das Letras, 2007.

⁵ Meihy, Murilo. Os Libaneses. São Paulo - Editora Contexto, 2018, p. 9.

Por isso mesmo, a 1ª e a 2ª Guerra Civil Libanesas serão brevemente citadas neste trabalho, para que assim possamos melhor entender o contexto histórico-cronológico e suas consequências e compreender como a sombra das guerras internacionais, invasões e conflitos civis e religiosos influíram não apenas nessas migrações mas também na percepção da trajetória da Política Externa Brasileira e nas relações diplomáticas com os libaneses e de como isso favorece o Brasil, visto pela diplomacia do *Grand Serail*⁶ como país aliado, pacífico e não imperialista.

O medo da guerra e não apenas a mais recente de 1975-90, ainda é presente nos sentimentos sobre a "libanidade", e provocam crises entre as famílias divididas entre "lá e cá", ou seja "a que fica e a que está radicada em algum lugar no mundo", numa gangorra sentimental, onde a vivência libanesa talvez os tivessem fadado a ser sentida por todos os seus filhos, não importando onde. Com isso, o senso de identidade e a nostalgia presentes na condição de imigrante é *sine qua non*⁷ para as recorrentes reestruturações familiares e comerciais dessa diáspora - e isso não seria diferente das diásporas vividas no Brasil - pois é assim que esse fenômeno ajuda os libaneses a manejar os conflitos presentes na cultura de migrar, passando sistematicamente (ciclicamente), pela luta da "integração" e da ascensão social onde quer que esteja (apropriação do meio).

A vida privada em relação aos brasileiros descendentes de libaneses ainda é facilmente associada à manutenção de costumes e um ideal ainda muito tradicional e conservador de família, além da preocupação com a educação formal. Essa formação pode ser complexa, mas envolve mais precisamente, as áreas da educação superior e o preparo para uma profissão, sempre vinculadas ao ideário de "trabalho duro", onde nesse ponto de análise é possível perceber como essa construção social acabou também por influenciar imensamente em como o grupo interpretará a política no cenário brasileiro, que é a problematização deste artigo e foi inegavelmente, a força motriz do processo da ascensão social de personalidades que possuem participação sobretudo na política em si, mas também em setores de ordem pública e de profissões proeminentes do setor privado, tais como medicina, advocacia e outros empreendimentos comerciais conhecidos no Brasil⁸. Quanto à cultura, a culinária generalizada como "árabe", é sobretudo libanesa levantina no Brasil e é o traço cultural que mais se destaca, onde a incorporação de alimentos como a esfiha e o kibe são apenas alguns exemplos

⁶ Palácio Governamental do Líbano e local-sede do primeiro-ministro. Passou a funcionar após a independência (1945) do país, e onde também abriga a sede do gabinete do presidente do conselho dos ministros.

⁷ Indispensável, essencial.

⁸ A Galeria Pagé, loja de produtos eletrônicos e derivados, na Rua 25 de Março, em São Paulo, é um exemplo de empreendimento comercial libanês conhecido no Brasil.

dentre tantos outros que comprovam a contribuição dessa cultura e de quanto esta se imiscuiu no cotidiano tupiniquim, mais precisamente, pelo curioso caso de que o "brasileiro típico e jovem" agora identifica tais iguarias como "produto nacional", visto que até cadeias de *fast food* do Brasil vendem milhões desses pratos para pessoas que não possuem qualquer vínculo de parentesco com o Líbano mas os apreciam imensamente. Essa é apenas uma pequena prova do sucesso da integração desses imigrantes no território nacional, enfatizando mais uma vez que tal exemplo não significou, contudo, que tenha sido fácil para eles "o ato de migrar", ser recebido em território em território estranho e se integrar.

No que se refere às análises desta pesquisa pelas lentes das Relações Internacionais, percebeu-se que os estudos dos processos de identidade cultural que ocorriam no cenário mundial e no contexto escolhido foram vistos por muito tempo pelas lentes teóricas mais tradicionais, com abordagens centradas em atores políticos hegemônicos focados em atores como Estados e os governos, e (quase) em nada sob a ótica das questões do indivíduo e da cultura. Assim, para superar esse tipo de abordagem, a teoria do Pós-colonialismo das Relações Internacionais foi escolhida, pois esta vem se tornando a principal contribuição acadêmica para analisar o atual fenômeno migratório e sua subjetividade posto que não são mais exclusivamente teóricos estadunidenses ou da Europa ocidental que os explicam, como bem aponta Nogueira e Messari (2005, p.222) “[...] trata-se (agora) de uma abordagem que levanta assuntos relevantes para um estudante de Relações Internacionais que vive e estuda no Brasil”, ou seja, o olhar analítico muito mais legítimo sobre o tema das migrações que pode partir do Brasil ou de qualquer outro país em desenvolvimento (debate Sul-Sul).

O debate das Relações Internacionais passou a existir no seio das ciências humanas e sociais em suas diversas ramificações, portanto, o papel da identidade cultural e da imigração como agente político e de pauta científica passou a ganhar relevância incontestavelmente. Ainda Nogueira e Messari (2005, p.228) afirmam mais uma vez que dessa forma “[...] os estudos pós-coloniais são também estudos de fronteiras entre disciplinas, grupos nacionais, religiosos e étnicos; entre os incluídos e os excluídos. O movimento Pós-colonial transgride limitações territoriais e as questiona, podendo estabelecer novos espaços e novas relações, explicando sobretudo, as fronteiras do Oriente Médio do pós-Tratado de Sykes-Picot⁹. Não

⁹ O Tratado Sykes-Picot de 16 de maio de 1916 foi um ajuste secreto entre os governos do Reino Unido e da França que definiu as suas respectivas esferas de influência no Oriente Médio, levando em consideração a hipótese de derrota do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial. Acordo Sykes - Picot. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_Sykes-Picot>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

surpreende então o lugar central que as questões de imigração e de comunidades imigrantes, sejam nacionais ou internacionais, se explicam muito melhor sob essa teoria.”

A metodologia para a pesquisa e desenvolvimento deste artigo se baseou pela abordagem qualitativa-descritiva, utilizando igualmente a teoria do Pós-colonialismo para o devido entendimento das estratégias de assimilação, tanto por parte desses imigrantes quanto por parte do Estado brasileiro, sobretudo no pós-2ª Guerra Mundial. Assim, foram utilizados análise de dados, bibliografias especializadas, revisão de literatura e análise de pesquisa bibliográfica documental, além de artigos jornalísticos e científicos que ajudaram na explicação e na remarcação do processo de imigração libanesa para o Brasil.

Contudo, como já dito, compreender o por que da presença desta comunidade ser tão impactante no Brasil, sobretudo por estar bastante presente no cenário político brasileiro é o principal objeto desta análise, bem como entender qual foi a trajetória histórica, geracional e estratégia que foi seguida por esse grupo para que se resultasse em uma presença tão impactante no âmbito político nacional.

A justificativa do presente artigo está fundamentada em compreender uma história provocada por uma sucessão de crises políticas e econômicas no Oriente Médio, que acabaram originando a maior diáspora árabe-libanesa do mundo e, ainda mais, para um "país em específico". Pela chegada dos libaneses no Brasil é possível apresentar as características culturais que foram gradativamente incorporadas em nosso cotidiano, entender a relação dos "mascates" e "regateiros", seja nos centros urbanos sulistas, nordestinos ou nos rios amazônicos e o que isso tudo tem a ver com uma revolução no comércio nacional¹⁰, no bom humor ácido sempre presentes em romances e filmes relacionados especificamente à personagens "turcos" mas que na verdade dizem "nós libanês" para afirmar sua identidade e que provocam risos nas novelas, livros e séries de sucesso assistidas por milhões de pessoas no país¹¹. Essas raízes históricas não são meras "riquezas culturais", são também fontes importantes para entender a construção da identidade brasileira, que acabou por se imiscuir com o processo histórico, artístico e político de um outro país no Oriente Médio, aumentando a beleza de seu patrimônio humano.

1 A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO LIBANESA E A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE NA SOCIEDADE BRASILEIRA

¹⁰ Saara (RJ).

¹¹ Entre as novelas de sucesso está a obra do autor Jorge Amado, a novela “Renascer” da Rede de Televisão Brasileira Globo, com o personagem libanês Rachid, onde teve repercussão nacional.

A narrativa histórica da imigração libanesa para o Brasil é feita através da análise dos vários fenômenos políticos e sociais ocorridos naquela região, quer seja pela necessidade e busca de novas oportunidades econômicas que instigaram seus filhos a deixar o país, quer seja pelas convulsões políticas ocasionadas pela desintegração do Império Otomano no fim da I Guerra Mundial, ou ainda, pelo medo "das Guerras civis ou sectárias" sucessivas que se instauraram a cada nova movimentação do tabuleiro político do Oriente Médio a partir sobretudo, de 1918, cujos Mandatos criaram novas nações e negligenciaram outras, tais como o caso do próprio Líbano, da Síria e da Jordânia, e de Israel (país não reconhecido pela grande maioria dos libaneses) e o não surgimento da Palestina. Esta última questão, a Palestina, afetou diretamente a estrutura e a frágil convivência entre os sectos religiosos e partidos políticos do recém-criado Estado Libanês (sobretudo após a chegada de mais de 70 mil refugiados palestinos em seu território após 1947)¹². Aliado ao tabuleiro ético, religioso e político do Levante, viriam as crises econômicas devido à dependência mundial do petróleo, além das *proxy wars*¹³ advindas da bipolaridade ideológica entre EUA e a ex-União Soviética na região. Tantos impactos trouxeram mudanças à essa sociedade mas nunca desconfiguraram a base do imaginário familiar e territorial do homem libanês expatriado.

O contexto histórico da origem do Líbano sempre foi contado a partir de diversas visões sectárias e políticas do Levante, cada qual com a sua interpretação, mas todos têm em consideração o amor àquela terra, independente dos conflitos étnicos, religiosos ou territoriais. O libanês se vê como parte de um povo que é berço de muitas civilizações, tais como os Fenícios. Com tanta riqueza histórica e cultural, a história do Líbano precisa ser entendida além das palavras dos jornais brasileiros ou internacionais que moldam o cotidiano das manchetes de política internacional quase sempre com teor sensacionalista e pejorativo. O patrimônio do Líbano de maior representatividade não é apenas o "terrorismo", mas principalmente sobre um passado "ideal", onde os fenícios preferiam o comércio do que a guerra com Roma ou com os Gregos, ou aquele que levou a invenção da escrita ocidental à humanidade. A resiliência desse povo tem muito a nos ensinar também sobre as tentativas locais de modernização, resistência anti-colonial e democracia (ainda que imperfeita).

Figura 01 - Bandeira do Líbano

¹² Conhecido como Nakba ou a grande tragédia em árabe. Trata-se do deslocamento forçado dos palestinos para outros países da região devido à guerra de Independência de Israel.

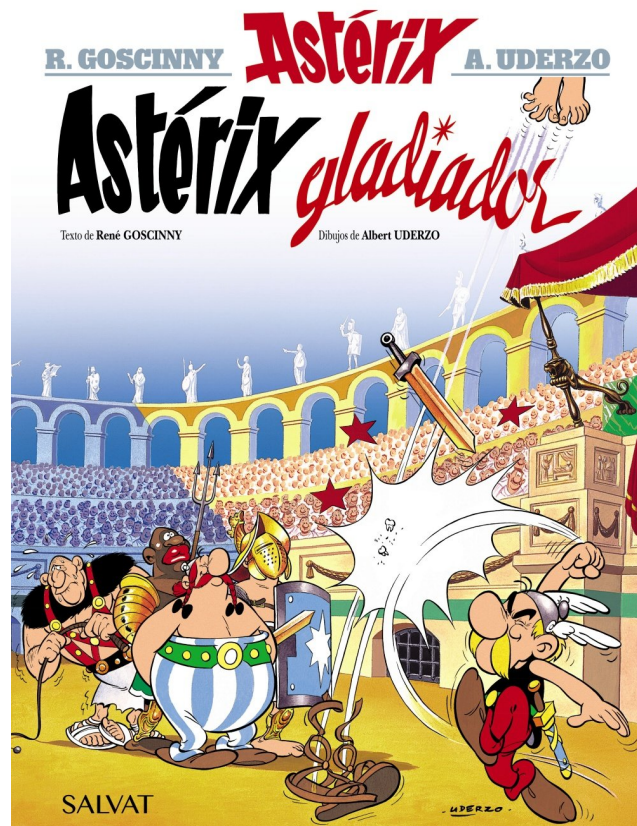
¹³ Existência de elementos alheios a um conflito.



Fonte: Wikipedia, 2022.

Na cultura popular brasileira, a primeira alusão que pode ser feita aos fenícios é certamente por meio dos quadrinhos "Astérix" de origem francesa e de grande sucesso no restante do mundo. *Asterix*, fala sobre um guerreiro da Gália e mostra ao público infantil diversos povos e civilizações do mundo antigo através de missões ao lado de seu grande amigo, Obelix.

Figura 02 - Imagem do quadrinho *Asterix Gladiador*.



Fonte: Editorial Bruño, 2017.

Murilo Meihy (2018a, p.24), discorre sobre as viagens de Asterix, principalmente em sua edição Asterix Gladiador (Figura 02). Nessas aventuras, há aparição de um personagem apresentado como um mercador fenício, de nome Epidemaïs (Figura 03), que protagonizou uma das cenas mais interessantes da edição, onde o personagem, dono de um navio mercante que circula pelo mundo atrás de uma boa negociação camufla sua escravidão chamando-a de “sociedade” e “parceria”, uma crítica ao sistema capitalista. O personagem foi bem escolhido, pois os Fenícios são vistos como os fundadores de uma civilização antiga associada ao comércio marítimo e à formação de várias cidades-Estados que se desenvolveram devido à essas atividades no Mediterrâneo até às Guerras Púnicas.

Figura 03 - *Epidemaïs, mercante fenício da história de Asterix Gladiador.*



Fonte: Asterix.com, 2021.

Com essa forma de representação artística é possível perceber a Antiguidade transmitida para um público que não acompanha o trabalho dos historiadores, e por isso mesmo, precisa ser feita de uma forma lúdica e de maneira de conhecer a história do mundo antigo além de construir o próprio imaginário de quem são os libaneses, ou seja, personagens e símbolos nos primórdios das civilizações. Os libaneses falam sobre sua ascendência fenícia com orgulho, eles são entendidos como habitantes que surgiram na costa mediterrânea de 1500 a.C. até 300 a.C, e cuja origem étnica é semita tal qual aos árabes e judeus, localizados no território que hoje corresponde ao Líbano, Síria e Iraque e formaram uma civilização de inúmeras cidades-Estados independentes por toda a Magna Grécia. Com a condição geográfica favorecida dessas cidades, o crescimento das fronteiras foram proporcionados pela navegação e pelo comércio como atividades cotidianas fundamentais, estabelecendo novas bases no Norte da África (atual Tunísia). Esse desenho é francês, e também problemático quando associado sem dúvidas ao colonizador e ao grupo cristão maronita. Não se pode

deixar de citar que o processo de criação do Estado Libanês teve por princípio as diretrizes do então Mandato Francês, qual seja, o de criar um "estado de maioria cristã" no coração do Levante muçulmano¹⁴, e que hoje tal intento foi totalmente descaracterizado pelo processo de aumento populacional sobretudo xiita.

Bercito (2021, p.28) aborda que ao reivindicar uma origem fenícia, libaneses - em particular cristão maronita na diáspora - tentam se desvincular da cultura árabe e islâmica hegemônica no Oriente Médio e buscam uma identidade própria, distinguindo - se dos países vizinhos que não sentem muito orgulho dessa herança em específico. Apesar disso, a contribuição do islã para a história do Líbano é inegável e seria mesmo absurdo negar sua importância.

Em um simples passeio pelas cidades do país é possível perceber a miscigenação cultural dos clássicos clichês das relações entre o Ocidente e do Oriente, pois o estilo de vida moderno que se combina em valores tradicionais em sua cultura, mostram densidade nas Relações Internacionais, diplomáticas, políticas e culturais construídas ao longo dos séculos por um *carrefour* de encontros de vários povos, e ainda a comprovação de que muitos estudiosos que discorrem sobre o tema, erram, por sequer colocarem os pés nos países do Oriente Médio, principalmente no Líbano.

Para Meihy (2018a, p.12):

Contudo, o fato de que estilos de vida distintos convivam nas grandes cidades libanesas não significa que não haja tensões cotidianas entre os membros da sociedade civil local. O Líbano não foge a regra da maioria dos países do mundo, sempre negociando rotineiramente os limites de cada um. O que precisa ser combatido na imagem que se tem dos libaneses é o fetichismo preconceituoso que defende a incompatibilidade entre Oriente e Ocidente, bem como a ingenuidade tacanha que considera o Líbano um país idílico.

Dessa forma os acontecimentos do cotidiano sejam eles políticos, econômicos ou sociais, assim como outros países do mundo, são encontrados no Líbano e influenciaram em seu processo de imigração pela busca de fortuna ou mesmo estabilidade e paz. A análise dos impasses que encontram-se presentes na vida dos libaneses são transformados até mesmo em humor por meio da sátira, da literatura e dos filmes indicados ao Oscar. A arte como narrativa é a característica mais evidente de se responder aos dilemas políticos, sociais, econômicos que afetam o país. O Líbano é um mini - Oriente Médio.

Meihy (2018a, p.19) cita que:

¹⁴ Dividir para conquistar ou ao menos, influenciar a política libanesa por meio de seus grupos. No entanto, não se deve pensar que os franceses ou os ocidentais faziam acordos apenas com a parcela cristã na região. É muito bem conhecida na história local as alianças militares entre Ingleses e a comunidade Druza, inimiga incontestada da população maronita no Monte Líbano.

Não significa que todo libanês é uma espécie de bonachão e que o bom humor é uma marca inerente aos cidadãos do Líbano, mas, sabendo dos transtornos constantes que marcam a história libanesa, chama a atenção o fato de que nada nem ninguém escapam à forma ácida e debochada com que os habitantes do Líbano olham para o mundo e para si mesmos. Por isso, ao interagir nas ruas do país com nativos, em algum momento o forasteiro terá contato com um repertório de piadas e de comentários sarcásticos que suavizam os problemas locais ou tornam a vida algo mais leve.

A narrativa da história da imigração libanesa para o Brasil não é muito conhecida pelos brasileiros e sempre foi marcada por mitos que mostravam apenas uma dimensão ou outra história dos atores nesse processo. José Carlos Sebe Meihy (2018b, p.147) exemplifica que esse momento deve ser entendido como a construção de uma gratidão recíproca entre ambos os países e seus cidadãos, em uma maneira de não ser apagada da inserção de outras perspectivas críticas, pois as experiências vividas se renovam de forma múltipla e híbrida desde a chegada sistemática dos primeiros imigrantes da segunda metade do século XIX até hoje.

A imigração libanesa no Brasil já foi discutida por historiadores e estudiosos da temática através da coleta e análise de documentos oficiais governamentais e relatos dos envolvidos nessa experiência. Mas as memórias afetivas nem sempre foram aprofundadas ou foram utilizadas com cuidado e respeito, pois a tarefa de reunir as informações da presença do Líbano no Brasil mobiliza não apenas dados socioeconômicos, mas também o panorama cultural dessas memórias e a narrativa de gerações de familiares.

Figura 04 - Mapa ilustrando a localização geográfica do Brasil na América do Sul (cor verde) e Líbano (círculo laranja) na Região MENA (Norte da África e Oriente Médio).



Meihy (2018b, p.158) expôs que entender o processo migratório e seu trajeto é essencial para compreender a saga do imigrante libanês, considerando a sua vida anterior. Isso serve para desenvolver concepções sobre os motivos de sua imigração e as comparações do local de origem e de sua chegada, e na mesma medida promover os juízos de valor que reclamam indicações sobre a identidade cultural ou nacional que o imigrante adquire. O legado é algo importante a ser enfatizado, pois ele determina, desde questões econômicas às questões políticas, ou seja, as heranças morais trazidas ao território brasileiro.

Pela modernidade ocidental e as oportunidades oferecidas na construção de um imaginário positivo, a viagem de Dom Pedro II à região atual do Líbano foi consolidada pela assinatura de um Tratado de Amizade e Comércio entre o Brasil e o Império Otomano em 1858, mas o Itamaraty não teve uma estratégia bem definida para a região ao menos até a 2ª Guerra Mundial. Além disso, a imagem positiva das instituições de ensino superior do Líbano aumentava devido às missões religiosas cristãs, caso esse enfatizado pela Syrian Protestant College, fundada no ano de 1866, e reconhecida em 1922 como a Universidade Americana de Beirute.

Meihy (2018a, p .172) aborda que:

As transformações sociais propiciadas pelo prestígio atribuído a essas instituições logo passaram a reduzir os membros dos grupos árabes que habitavam o Império Otomano, que, encantados com o avanço intelectual do Ocidente, compraram facilmente as imagens do grande desenvolvimento técnico e cultural dos países ocidentais, em um período em que os otomanos representavam o estigma do atraso e do conservadorismo a ser superado. A América, portanto, seria vista como uma terra de infinitas possibilidades, e mesmo o Brasil, ainda rural e distante desses avanços intelectuais, se beneficiaria do imaginário construído pelas instituições de ensino que tanto atraíam os jovens árabes naquele momento.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, a admiração cultural tornou-se uma opção quando o Império Otomano se alinhou com a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Hungaro e Itália) devido a inclusão forçada de árabes nas tropas otomanas, fazendo com que a emigração libanesa para a América fosse uma maneira de escape para que homens jovens não fossem obrigados a defender um "império considerado opressor". Meihy (2018a, p.172) discorre que com o confisco de alimentos pelo Império Otomano de territórios da Síria e do Líbano, agravou e ainda mais a crise econômica vivida pelos habitantes da região e entrou para a História Nacional como "a Grande Fome no Líbano". Soma-se a isso outro fator que coincidiu com um dos momentos mais críticos do processo de criação da agora República da Turquia (e a formação étnica problemática do território do antigo Império Otomano): o genocídio armênio. Ordenado por Mehmed Talaat Pasha a partir de 1915, a limpeza étnica

armênia se deu porque Mehmed Pasha via nas posições nacionalistas da população armênia, majoritariamente cristã, o vínculo dos impérios europeus cristãos, mas sobretudo francês que lutou contra os otomanos. A partir disso, no momento em que a população libanesa emigrava para tentar fugir da fome e de uma guerra que não era sua, a população armênia era também obrigada a se deslocar para a costa mediterrânea, passando por parte do deserto sírio, e os que sobreviveram passaram a viver como refugiados em um território libanês já combalido pela miséria, aumentando ainda mais o drama humano e social no país.

Mesmo com todas essas tensões, a imigração libanesa teve bastante relevância, sobretudo de maneira a intensificar a rede de contatos comerciais no Brasil, e os aspectos identitários tais como parentesco, religião, entre outros, foram essenciais para que a migração deixasse de ser um projeto individual para se tornar um empreendimento coletivo com base em redes de acolhimento e de comércio, que reforçaram o papel social de famílias pioneiras advindas do interior do Líbano antes sem perspectivas, mas que agora começavam a prosperar no Brasil.

Meihy (2018a,p.175) enfatiza que:

“A expansão da migração em rede era vantajosa para todos, principalmente para os libaneses que já estavam nas cidades brasileiras e precisavam de mais mão de obra para a expansão de suas atividades comerciais.”

A identidade cultural desse imigrante insere-se como uma conexão entre o mundo pessoal e o mundo público, e contribui com o alinhamento dos sentimentos, significados e de valores de uma determinada estrutura de solidariedade e sobrevivência. Então, a identidade conecta o sujeito e a estrutura, estabiliza os mundos culturais que os sujeitos habitam, tornando-os recíprocos e unificados. Hall (2005, p.11) conceitua que a identidade projeta “nós próprios” nas identidades culturais alheias ao mesmo tempo que internalizamos os significados e valores, tornando-os “parte de nós”, o que contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares e objetivos que ocupamos no novo mundo.

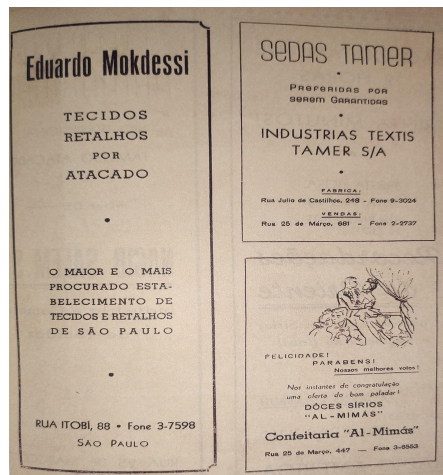
Assim, o vínculo de identidade cultural libanesa na política brasileira começa a existir não só pela ampliação das relações com o governo libanês através da sociedade civil e os processos naturais diplomáticos consulares, mas posteriormente pela academia e a ascensão de parlamentares com ascendência libanesa, de indivíduos que abraçam as vantagens políticas e econômicas da construção social dessa "nova comunidade" em um território além do mar (apropriação). Outrossim, a influência libanesa estimula o auxílio dos debates acerca da estabilidade do Líbano e da geopolítica do Oriente Médio na Política Exterior do Brasil

(Itamaraty), bem como a implicação desses impactos econômicos e de segurança migratória para os diversos países, incluindo o Brasil.¹⁵

O Brasil possui a maior diáspora libanesa do mundo, onde muitas famílias de imigrantes puderam se recuperar após o processo da "perda do auto-exílio". Tiveram a perspectiva de um futuro ao chegar em novas terras e passaram a realizar seus objetivos e sonhos, criando assim novas raízes no Brasil, onde compreenderam inclusive como inserir a qualidade de brasileiro em sua identidade.

De acordo com as várias gerações libanesas, existe também a nostalgia sobre as suas origens e a admiração por um lugar que nunca foi pisado ou de ainda não ser conhecido (pela geração seguinte) mas que faz parte da família (toda) desde o nascimento do (novo) indivíduo, que logo é incorporado nas suas tradições. Ferreira (2017, p.9) pondera que a riqueza e a diversidade das relações entre o Brasil e o Líbano, com início no final do século XIX, tem visibilidade na comunidade libanesa originária, que vê nos descendentes que vivem no Brasil como contribuidores em potencial para o desenvolvimento do país. Ressalta-se que a comunidade expatriada é maior em número do que a população que vive no Líbano nos dias atuais.¹⁶

Figura 05 - Anúncios de uma revista da comunidade árabe em 1947, com propagandas voltadas para os sírios e libaneses em São Paulo.



Fonte: Diogo Bercito, 2021.

¹⁵ Os conflitos fronteiriços são alguns dos impasses que podem ser direcionados a segurança internacional, um exemplo disso está a fronteira de Foz do Iguaçu e o medo de um possível terrorismo do grupo Hezbollah e o impacto ao imigrantes Xiitas e o quanto foi modificada a sua imagem depois da revolução iraniana. Mesmo que a possibilidade seja considerada pequena, a polícia federal e outros políticos usam ela como uma via para a notoriedade.

¹⁶ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o número de habitantes do Líbano em 2021 é de 5.592.631 e a estimativa dos libaneses que vivem no Brasil é de aproximadamente 7 a 10 milhões. IBGE Países. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://países.ibge.gov.br/#/dados/libano>>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

A comunidade libanesa no Brasil desenvolveu diversas atividades, vocações e talentos de modo que essa integração na sociedade brasileira serviu para difundir sua cultura nas artes, na gastronomia e mesmo na área acadêmica, resultando no Hospital Sírio-Libanês por exemplo, uma das principais referências na área da saúde do país.

Meihy (2018a, p.167) discursa que:

Os vestígios da integração dos imigrantes libaneses à sociedade brasileira estão em todos os lugares. Na paisagem urbana do Brasil, vê-se placas de consultórios médicos com sobrenomes árabes, nomes de clubes esportivos que remetem a regiões do país de origem como “Monte Líbano” e comércio popular de quitutes da culinária síria e libanesa - tudo são indícios do processo cotidiano de negociação de identidades entre os brasileiros e as raízes culturais de seus cidadãos de origem imigrante.

Os restaurantes de *fast foods* também foram um resultado dessa trama, onde a maior cadeia de comida árabe do Brasil possui uma alta produtividade de esfihas para venda, sinal de que a incorporação dessa comida na vida dos brasileiros é positiva, aliás, muito parecido ao fenômeno do *kebab* em outros países, e mesmo sem possuir laços de parentesco com o Líbano, o que leva algumas redes de *fastfood* a serem chamados não menos de "*habib's*"¹⁷, ou "amados". Esse fenômeno é conhecido como hibridização cultural, que envolve a comunidade imigrante e o processo de industrialização e urbanização das cidades brasileiras.¹⁸

2 A ASCENSÃO LIBANESA NA POLÍTICA BRASILEIRA

Entender por que a política brasileira exerce uma influência tão forte nos descendentes de imigrantes libaneses é imprescindível para entender os rumos da nossa própria democracia e do estilo de governo nacional, assim, a política torna-se uma das formas de influência mais evidentes da presença libanesa no país, porém, diluída por conta do processo histórico de formação social do Brasil. Aqui está o fator mais relevante para essa pesquisa: explicar o "porquê" da política brasileira exercer uma atração tão forte nesses descendentes.

Pode-se assegurar que não foram apenas as profissões liberais, mas sobretudo através da política que esses imigrantes e seus filhos ascenderam socialmente. Trata-se acima de tudo, de uma maneira de continuar o processo de assimilação e mesmo segurança jurídica não apenas através das boas práticas das suas atividades de comerciantes, mas agora sem os percalços vivenciados pela primeira e segunda geração. O campo político é mais uma maneira de proteger seus negócios de uma interferência eventualmente autoritária do Estado de

¹⁷ Rede brasileira de restaurantes, especializada na culinária árabe.

¹⁸ Meihy, Murilo. Os Libaneses. São Paulo - Editora Contexto, 2018, p. 167.

legislar em favor de causa própria, prática aliás que nunca foi uma novidade aos agrupamentos humanos ao longo da história.

Bercito (2021,p.119) menciona que:

As universidades eram um excelente espaço para arregimentar lideranças políticas porque seus alunos já apresentavam alguma familiaridade e afinidade com o meio político. Os sírio-libaneses que saíam dos bancos da Faculdade de Direito da USP estavam de certa forma credenciados para intermediar os interesses da colônia e das elites paulistas. Foi esse o padrão nas três primeiras décadas depois do Estado Novo. Assim, dos 23 mandados de sírio-libaneses de 1947 a 1956 como deputados federais e estaduais, dezoito foram exercidos por oito bacharéis formados na São Francisco.

A alta participação de libaneses na política brasileira é justificada por Truzzi (2009,p.149) pela explicação de que esse fenômeno é consequência de diversos fatores, entre eles: a mobilidade social via comércio, o investimento na educação e a dispersão dos libaneses nos grandes centros ou pelo interior, ou seja, a política foi uma maneira de propiciar a emergência de lideranças locais, e que seriam conhecidos como os primeiros políticos de origem árabe de “patrícios bacharéis”. A partir de 1962, no entanto, surge um segundo padrão de recrutamento de lideranças: os “*brimos*”¹⁹ não se originaram majoritariamente das salas de aula, mas sim do interior do Estado de São Paulo. Uma das explicações é o fato de que como caixeiros-viajantes, eles já tinham ganhado sua freguesia e seus eleitores nas cidades do interior.

As sagas familiares de personalidades como Michel Temer e Fernando Haddad são exemplos para melhor compreensão da pesquisa visto a inserção dessa comunidade na política mais recente. Com relação à Câmara dos Deputados e Senado Federal tal fenômeno não é diferente, considerando que parte da composição de parlamentares presentes nos Estados Brasileiros são de libaneses, independente de gênero ou de partido político nos foros parlamentares.

A família Temer se instalou em Tietê, no interior de São Paulo, local onde geralmente os libaneses escolhiam para residir após a Primeira Guerra Mundial. Isso se deu devido uma menor competição comercial em relação à já famosa Rua 25 de Março.

Bercito (2021, p.158) pontua que:

Michel de alguma maneira plasma dois dos modelos de ascensão política descritos pelo pesquisador brasileiro Oswaldo Truzzi. Como as primeiras levas de políticos, ele vem do Largo São Francisco. Ao mesmo tempo, como a maior parte dos políticos que surgiram a partir dos anos de 1960, representa uma família do interior.

¹⁹ Confusão de fonemas que caracteriza o modo árabe de falar português.

Figura 06 - Placa no vilarejo de Btaaboura celebrando Michel Temer, depois que virou presidente em 2016 e o povoado se reuniu para apagar a palavra “vice”.



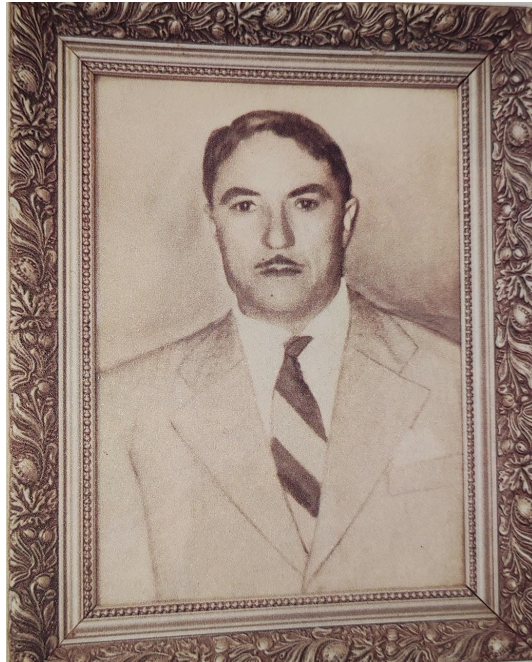
Fonte: Diogo Bercito, 2021.

A política é uma das formas mais evidentes da presença libanesa no país, sendo diluída devido ao sucesso do processo histórico de formação e integração social atingidos pelo grupo no país. Bercito (2021,p.15) mais uma vez questiona o quão surpreendente ainda é que o impacto da comunidade libanesa na política brasileira ainda não tenha sido melhor estudado, e de como há carência de resultados e discussões sobre essa temática.

Marun (2017, p.81) afirma que:

No que tange, mais detidamente, às relações entre o Brasil e o Líbano, cumpre destacar que por muitos anos, juntas, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal têm exibido composição de parlamentares em que de 5% a 10% são de origem libanesa. Oriundos de todos os estados de nossa federação, pertencentes às mais variadas fileiras partidárias e ideológicas de nossa democracia e porta-vozes (como os seus demais colegas) dos anseios de todos os brasileiros, essas mulheres e homens têm noção do que podem fazer para o fortalecimento dos elos entre os dois países, utilizando os foros parlamentares adequados - como a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CREDN) da Câmara e a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) do Senado - e os canais mais convenientes junto ao Executivo - como os contatos sempre produtivos com o Itamaraty - para propor e examinar iniciativas conducentes ao robustecimento de nosso diálogo com este pequeno mas tão crucial país do Oriente Médio.

Figura 07 - Retrato de Nakhul Temer, pai do ex-presidente do Brasil, Michel Temer, em Btaaboura, vilarejo de onde sua família imigrou.



Fonte: Diogo Bercito, 2021.

A presença na política brasileira começou a ser percebida desde as primeiras décadas da imigração devido a percepção de muitos dos libaneses não verem a viagem ao Brasil como algo "temporário" e por isso, logo tiveram a percepção que aqui seria sua nova pátria e o seu destino. No entanto, isso não significa que também não continuassem a acompanhar as questões políticas de seu país e, com a intensificação de movimentos políticos inquietantes no Líbano, os libaneses radicados no Brasil começaram a possuir interesse também na política brasileira.

Figura 08 - Retrato do avô do político Fernando Haddad, Habib al-Haddad, na casa onde vivia antes da imigração para o Brasil. A moradora atual da casa, segura a foto.



Fonte: Diogo Bercito, 2021.

Bercito (2021, p.118) pondera que como os libaneses tinham acumulado capital e prestígio com seus trabalhos de mascate²⁰ e estudado em escolas de renome, queriam participar da tomada de decisões do país, um projeto sobretudo das camadas da comunidade que tinham conseguido enriquecer.²¹

Uma característica básica da colônia brasileira no Brasil é a sua distribuição ao longo de todo o território nacional. Uma vez que começavam como mascates, estendiam suas rotas a paragens longínquas, pouco acessíveis pela rede de transporte estabelecida. No Sul, os primeiros libaneses chegaram por volta de 1880, originários de localidade como Chiká, Dojune, Sarba, Barsa, Zouk Mickael, Daroun, Anfi e outras povoações próximas. Muitos desembarcaram em Montevidéu e entraram no Brasil por via terrestre, pela cidade de Jaguarão, na fronteira. Em Porto Alegre, as ruas General Andrade Neves e Voluntários da Pátria foram as preferidas da colônia, tanto para o comércio como para a moradia. Em Pelotas, Felipe Mecherreffé tornou-se a figura central de toda a coletividade sírio-libanesa ao longo do primeiro quartel do século XX. Depois de radicar-se em Minas Gerais, ele se estabeleceu em Pelotas desde 1902. Ao longo de toda a fronteira sul, assolada nos anos 20 pela Revolução Farroupilha, este libanês tornou-se uma referência para todos os velhos mascates, que se recordam com prazer e grande veneração desse homem sempre solícito em ajudar patricios que afluíam de todos os recantos. (BRASÍLIA, 2001, p.303)

Após a Revolução Iraniana de 1977, e a divisão e conflito do mundo islâmico também divididos entre os polos de poder da Guerra Fria, é possível mais uma vez perceber uma nova rodada de preocupações e até de crises de identidades na população identificada com o Líbano, onde ser libanês e muçulmano, ou cristão e druzo é vista e sentida de forma diferente em cada vertente religiosa, e ainda agregado à isso, aos interesses externos de forças internacionais que ainda fortalecem os atritos políticos no Líbano. Aliado a tudo isso, a introdução de elementos de "costumes ocidentais" podem ou não ser bem aceitos em suas culturas, pois alguns concordam e outros recusam "essa modernidade" caso a julguem como contrária aos ditames de cada fé, moral e costumes. Esse conservadorismo religioso de alguma forma se perpetua além do Líbano e pode se estender aos seus descendentes na diáspora.²²

²⁰ Venda de mercadoria pelas ruas através da negociação.

²¹ Os novos ricos libaneses passaram a ostentar o seu sucesso econômico também como uma forma de integração às velhas elites do Brasil, sobretudo nos grandes centros de poder.

²² Com ênfase a isso, pode-se relacionar o Hezbollah, grupo islâmico xiita e a preferência dos libaneses no comércio através de regiões de fronteira, onde atos surgiram com objetivos de contrapor suspeitas de que a região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina, Paraguai) participasse do financiamento do terrorismo do grupo. Essa região teve notoriedade devido dois atentados contra centros judaicos na Argentina, em 1992 e 1994, corroborando em mortes. A criminalização da comunidade libanesa pode ser algo prejudicial devido a rotulação de sua identidade por conta da ação de um grupo e os mesmos terem participado das eleições do governo do Líbano, ou seja, pertencerem ao governo libanês, pois as pessoas que enviam o dinheiro para pessoas filiadas ao partido gerenciado por eles podem ser presos pelo financiamento de terrorismo internacional. Uma decisão de Política Externa Brasileira afetaria a identidade e as boas relações Brasil-Líbano. Rotular o Hezbollah traz prejuízos ao Brasil. Disponível em: <<https://nupri.prp.usp.br/blog/rotular-o-hezbollah-traz-prejuizos-ao-brasil/>>. Acesso em: outubro de 2022.

Figura 09 - Michel Temer no vilarejo de Btaaboura em 2011.



Fonte: BBC Brasil, 2016.

Pitts Jr. (2006, p.26) frisa que as experiências negativas em relação à política doméstica de países árabes, acentuam os estereótipos negativos sobre a comunidade de maneira geral. E não apenas os políticos de origem libanesa, mas também toda uma cultura, acaba sendo condenada previamente, assim como todo cidadão libanês como necessariamente conservador, ou desonesto ou dado a "jeitinhos para favorecer um grupo ou comunidade" ou mesmo com forte atração pela guerra. Porém, no que concerne à política brasileira e a maioria da imprensa local, o que percebe-se é que a crítica na atualidade em relação aos políticos brasileiros-libaneses não serem associados aos eventos no Líbano e os eventuais insultos ou desconfianças que recaem sobre uma figura política de nome libanês são feitas devido aos "crimes contra patrimônio público nacional", contra os desvios de finalidade ou o enriquecimento ilícito às custas do erário público, e que por meio da imprensa foram descobertos pela "opinião pública em geral", e não para "demonizar" toda uma comunidade exclusivamente por conta de sua origem. Do racismo estrutural brasileiro os libaneses, sobretudo se comparados aos afrodescendentes, sofrem em grau muito menor.

Não se encontrará na "imprensa oficial" um alvo específico sobre a origem do político criticado, mas sim a sua eventual prática. Na comunidade libanesa, a reação a uma fama ingrata de uma figura política é diluída, e também não culmina necessariamente na acusação de que jornalistas "persigam os árabes". É claro que houve algumas exceções, sobretudo a

partir do pós-11 de setembro e a "à guerra ao terror" norte-americano. O ataque às Torres Gêmeas em Nova York trouxe desconfiança aos "muçulmanos" em geral, mas particularmente aos de vertente xiita e constantemente vinculados ao Hezbollah, ou recaindo de forma generalizada contra aqueles mais facilmente identificados por símbolos, como cidadãos comuns que fazem uso do *Hijab* (véu feminino), da *kandora* ou *dishdasha* (túnicas masculinas) e que habitam em grande quantidade, sobretudo a tríplice fronteira de Foz do Iguaçu. Porém a grande parte das críticas, muitas delas vindas dos próprios "*brimos*" são feitas porque acreditam que os "políticos" são os únicos responsáveis pela reputação de corruptos, e não uma comunidade ou um grupo religioso inteiros sejam "naturalmente afeitos à algum desvio que os leve à corrupção ou a violência".²³

Os estereótipos negativos associados à corrupção são presentes e associados tanto ao Líbano quanto à sociedade brasileira, ou seja: para quem é representante da comunidade libanesa, assim como para muitos políticos brasileiros de qualquer origem, a corrupção é vista como uma herança central do processo da formação estrutural, cultural e histórica tanto "deles" quanto a de um país originado pela colonização ibérica. Assim, tanto os brasileiros, libaneses ou os de dupla cidadania lembram que essa característica viciosa acaba envergonhando as duas comunidades e entram no desenvolvimento das duas nações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a abordagem da identidade libanesa na política brasileira é possível perceber a necessidade de outras análises sobre o comportamento e da dinâmica dessa comunidade no Brasil, visto que grandes contribuições foram feitas para o desenvolvimento do país, desde o setor econômico, comercial, educacional, diplomático até as últimas instâncias de poder. Os estudos sobre a imigração para o Brasil, mesmo com toda a influência agregada à formação sociocultural do país, quando estudados mesmo por acadêmicos, ainda são analisados em grande parte, a partir da história dos fluxos de imigração para países ocidentais como um todo, mas sobretudo com ênfase ao norte global e às questões de Estado, aliados aos temas de segurança e à crise de refugiados. Ou ainda generalizando as civilizações tais como, por exemplo "a de portugueses", "espanhóis" e "italianos", o que fornece uma forte alusão sobre a necessidade de se buscar a perspectiva da teoria Pós-colonialista e superar a "visão

²³ KARAM, John Tofik; ARABESQUE, Another. Syrian-Lebanese Ethnicity in Neoliberal Brazil. Temple University Press, 2007, p.64.

preocupada" apenas dos países do norte e pouco ou quase em nada sobre as rotas dos países do Oriente para o Ocidente ao sul como objeto de estudo.²⁴

A "libanidade" foi e ainda é um fator fundamental para a construção da paisagem urbana do Brasil e sua identidade desenvolve-se em seu legado, deixando heranças não só aos para seus descendentes mas também para os cidadãos brasileiros que não estavam envolvidos no processo histórico, mas que convivem com os libaneses em setores sob a influência dessa comunidade. Os libaneses ensinaram os brasileiros a empreender. Diferente de japoneses e italianos que chegavam ao Brasil já devendo aos futuros patrões a moradia e a passagem, os libaneses vinham por conta própria. Os "árabes" não queriam viver no espaço dos latifúndios do Brasil e resolveram se dedicar ao comércio, aproveitando a experiência que tinham na venda de seus produtos. Muitos viraram mascates, vendedores itinerantes, função que lhes permitia ganhos maiores que o trabalho na lavoura.

Eles se espalharam do extremo sul aos seringais da Amazônia, onde se deslocavam de barco. Vendiam a prazo e, quando o cliente não tinha dinheiro, aceitavam ouro, borracha, gado ou café. Flexíveis e dispostos a correr riscos, logo expulsaram do ramo os concorrentes portugueses, italianos e os próprios "brasileiros patrões" que exploravam seus trabalhadores em comércios de "secos e molhados" nas fazendas. Conforme juntavam algum dinheiro, abriam armarinhos e lojas de tecidos.

Outros ergueram indústrias têxteis e de confecções, o que lhes garantiu uma mobilidade espetacular, muito maior que a de qualquer outro grupo étnico que migrou para o Brasil. Conforme ascendiam socialmente, sírios, palestinos, mas sobretudo os libaneses, investiam na educação dos filhos. Eles perceberam que o Brasil é uma terra de "doutores", então queriam que os filhos também fossem doutores. Para Lody Brais, presidente da Associação Cultural Brasil-Líbano, há uma outra explicação bem mais romantizada para o sucesso de descendentes dos libaneses nos negócios e na política brasileira: isso se deu devido à herança do povo Fenício, que dominou o comércio no Mediterrâneo por vários séculos antes de Cristo. "Eles eram audazes viajantes e levaram os princípios da navegação a todos os recantos do mundo conhecido daquela época. Talvez venha daí o espírito empreendedor e a capacidade de adaptação desse povo". E ela continua: "Outro legado dos libaneses ao mundo foi sua tradição jurídica. Apelidada de Mãe das Leis, a atual capital libanesa, Beirute, sediava

²⁴ Um exemplo são escritores consagrados no Brasil, tais como Peter Demant, ou mesmo os de origem oriental, como Albert Hourani, preferem falar das civilizações "muçulmanas" ou "árabes" no que concerne às influências e migrações, mas sobretudo analisando esses impactos sob a ótica da Europa ou dos EUA, mas muito pouco sobre os impactos em países em desenvolvimento.

uma das principais escolas de direito do Império Romano e Bizantino²⁵, isso é soft power, tino para a diplomacia, para o comércio e a política".²⁶

Diante de todas estas perspectivas sobre o sucesso econômico e de integração dessa comunidade, é fundamental que outras pesquisas possam ser realizadas a partir também da perspectiva do sistema político como forma de identificar a sua trajetória. Porém, esse objeto de pesquisa é árduo pois os conteúdos históricos podem necessitar de recuperação, restauração e mais pesquisa de campo. A identidade cultural do Líbano é forte no Brasil a ponto de se miscigenar com características da cultura nacional e ser percebida em elementos do cotidiano do cidadão comum e não-libanês. As análises sobre essa temática não acabaram e podem ter diversas nuances, podendo ser exploradas a partir de investigações mais aprofundadas para uma possível dissertação tanto na área da Ciência Política quanto em Relações Internacionais que envolvem os processos tais como identidade, democracia, imigração e parlamento.

²⁵ Seus escombros arqueológicos encontram-se hoje no centro de Beirute, numa pequena praça chamada "Jardim do Perdão".

²⁶ O que explica a força dos descendentes de árabes na política brasileira? BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/04/160429_arabes_politica_if_jf>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

**THE CONSTRUCTION AND INFLUENCE OF THE LEBANESE CULTURAL
IDENTITY IN THE BRAZILIAN POLITICAL SCENE**

Orlando dos Santos Pinheiro Filho

Ioneida Cavalcanti da Cunha

ABSTRACT

The presence of the Lebanese community in Brazil has a considerable expression both numerically and by its identity markers. This cultural identity emerged in Brazil after its first diaspora, still in the 19th century, and has influenced, since then, the course of the country, either through the development of trade, literature, education, but mainly, in the local political scene. The scope of this work is to ask why Brazilian politics has attracted and received so well this specific community, to the point of allowing it a significant role in the decision making process in Brazil. To answer this, a long process of reading was started, first out of curiosity, and later transformed into this research project, which helped to understand this social phenomenon as well as the continuation of the immigration process. It was found that this immigration was a fundamental factor for the development of Brazil, not only because of the cultural heritage but also because it has influenced the most diverse sectors where this group has acted and coexisted. This community has impacted the imaginary, the identity, and the directions of the Brazilian political scenario, unquestionably. However, the specialized studies about Lebanese immigration still focus much more on the "northern" countries of the West, and very little about countries like Brazil. Thus, this article has the expectation of filling this academic void, even if in a very discreet way, and, more specifically, of understanding how the ascension of this community to the instances of power happened.

Keywords: Culture. Immigration. Identity. Politics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCITO, Diogo. **Brimos: Imigração sírio-libanesa no Brasil e seu caminho até a política.** Fósforo Editora, 2021.

BRASÍLIA. **Relações entre o Brasil e o Mundo Árabe: construção e perspectivas.** Fundação Alexandre Gusmão, 2001.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

KARAM, John Tofik; ARABESQUE, Another. **Syrian-Lebanese Ethnicity in Neoliberal Brazil.** Philadelphia, PA ,Estados Unidos, Temple University Press, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral.** 5ª ed. São Paulo. Loyola, 2018.

MEIHY, Murilo. **Os Libaneses.** São Paulo. Editora Contexto, 2018.

MARUN, Carlos. **As Relações Brasil-Líbano: Legado e Futuro.** Brasília, FUNAG, 2017.

NOGUEIRA, João Pontes. MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates.** Rio de Janeiro. Elsevier, 2005.

PITTS JR, Montie B. **Forging Ethnic Identity Through Faith: Religion and the Syrian-Lebanese Community in São Paulo.** Nashville: Faculty of Graduate School, Estados Unidos. Universidade Vanderbilt, 2006.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

TRUZZI, Oswaldo. **Patrícios: Sírios e libaneses em São Paulo.** 2ª ed. São Paulo. Editora Unesp, 2009.

IBGE Países. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<https://paises.ibge.gov.br/#/dados/líbano>>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

Acordo Sykes - Picot. **Wikipédia, a enciclopédia livre.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_Sykes-Picot>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

Rotular o Hezbollah traz prejuízos ao Brasil. **NUPRI-USP.** Disponível em: <<https://nupri.prp.usp.br/blog/rotular-o-hezbollah-traz-prejuizos-ao-brasil/>>. Acesso em: 08 de outubro de 2022.

As viagens de Pedro II ao Oriente Médio. **Folha de São Paulo,** 2015. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1668705-as-viagens-de-pedro-2-ao-orientemedio.shtm>>. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

O que explica a força dos descendentes de árabes na política brasileira? **BBC News Brasil,** 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/04/160429_arabes_politica_if_jf>. Acesso em: 20 de maio de 2023.